

A descoberta das Europas: a literatura de viagens, a geografia, a história e a evolução da identidade europeia (séculos XVI-XVIII)¹

Fernando Clara*

Universidade Nova de Lisboa / ILC

Resumo: O texto procura reconstruir as dinâmicas de evolução da identidade europeia ao longo do século XVIII. Partindo de dois mapas da Europa dos séculos XVI e XVII (popularizados respectivamente por Sebastian Münster e Willem Janszoon Blaeu), são analisadas obras de índole muito diversa (compêndios de história e geografia, ensaios, sátiras, relatos de viagens) que se debruçam sobre a Europa e os Europeus, e que têm sempre subjacente, implícita ou explicitamente, a viagem e a literatura de viagens da época. Da descoberta de uma Europa Imperial à descoberta das diversidades ‘nacionais’ dos povos Europeus, sem esquecer a descoberta da Europa habitada por ‘selvagens europeus’, a evolução identitária que a análise sugere aponta para uma identidade europeia duplamente marcada pela mobilidade: marcada pela viagem e pelo conhecimento do mundo proporcionado pela literatura de viagens, que constitui a pedra de toque a partir da qual a Europa se procura definir a si própria, e marcada ainda pelo perspectivismo que a viagem introduz nos modos de olhar e de ser europeus.

Palavras-chave: Identidade europeia, século XVIII, literatura de viagens, mobilidade

Abstract: The text seeks to reconstruct the dynamics of the evolution of European identity throughout the 18th century. Starting with two 16th and 17th century maps of Europe (popularized by Sebastian Münster and Willem Janszoon Blaeu), it analyses a wide range of works (compendia of history and geography, essays, satires, travel accounts) that focus on Europe and the Europeans, and which are implicitly or explicitly based on the travel literature of the time. From the discovery of an Imperial Europe to the discovery of the ‘national’ diversities of the European peoples, without forgetting the discovery of a Europe inhabited

by 'European savages', the identitarian evolution that the analysis suggests points to a European identity that is doubly marked by mobility: marked by travel and the knowledge of the world provided by travel writing, which is the touchstone from which Europe seeks to define itself, and also marked by the perspectivism that travel introduces into the ways of seeing and being European.

Keywords: European identity, Eighteenth-century, travel literature, mobility

É impossível subestimar o papel determinante que a literatura de viagens tem nas dinâmicas de evolução do pensamento europeu e, por conseguinte também, nas dinâmicas de evolução da identidade europeia.

Na literatura filosófica publicada ao longo do século xviii, por exemplo, é difícil encontrar um ensaio que não remeta em nota de rodapé para um qualquer relato de viagem da época. De Locke (*An Essay Concerning Human Understanding*, 1689) a Kant (*Anthropologie in pragmatischer Hinsicht*, 1789) sem esquecer Rousseau (*Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, 1755; *Émile*, 1762), Voltaire (*Essai sur l'histoire générale*, 1757), Herder (*Auch eine Philosophie der Geschichte*, 1774) ou Diderot (*Supplément au voyage de Bougainville*, 1796), os ensaios, as histórias e as geografias universais não prescindem de uma referência aos mais recentes relatos de viagem. Já para não falar das várias revistas de História Natural que na verdade se alimentavam das notícias dos viajantes, tornando a fauna, a flora, os usos e costumes dos lugares mais longínquos do mundo acessíveis ao virar da página, alargando o conhecimento e, não menos importante, enriquecendo substancialmente o imaginário europeu.

A contemporaneidade tem dado a merecida atenção à importância da literatura de viagens para a época, nomeadamente para alguns dos autores acima mencionados (e.g.: Rubiés 2000; Lu-Adler 2022, Morice 2013, Talbot 2010, Young 1978), tal como de resto o próprio século XVIII já dava. Com efeito, no mesmo ano de 1784 em que Kant publicava a sua conhecida "Resposta à Pergunta: O que é a Aufklärung?", Heinrich August Ottokar Reichard, bibliotecário em Gotha, director teatral e editor de uma revista literária (*Olla Potrida*), deixava, logo no início da primeira edição do seu *Manual para Viajantes*, a seguinte observação (Reichard 1784: 3):

Der Reisende ist dem Philosophen, was der Apotheker dem Arzt ist; auf die Nachrichten des Erstern gründet der Philosoph seine Systeme, auf die Pharmacie des Letztern der Arzt seine Verordnungen. Tauscht der Apotheker die Arzeney aus, so stirbt der Kranke; lügt der Reisende, so irrt der Philosoph. Die Rolle eines Reisenden ist also wichtiger, als mancher denkt. (Reichard 1784: 3)

[O viajante é para o filósofo o que o farmacêutico é para o médico; o filósofo baseia os seus sistemas nas notícias do primeiro, o médico as suas receitas nos fármacos do último. Se o farmacêutico troca os medicamentos, o paciente morre; se o viajante mente, o filósofo erra. O papel de um viajante é pois mais importante do que muitos pensam].

Ainda que muitas vezes escondida em notas de rodapé ou diminuída na sua fiabilidade epistemológica pela suspeição clássica de que todo o viajante é um mentiroso (cf. Adams 1962; Evans 1968; Euben 2008), a literatura de viagens assume de facto um papel decisivo na transformação – ou revolução (Binney 2006) – que a mentalidade europeia conhece no século xviii. As páginas que se seguem procurarão reconstruir as dinâmicas de evolução e transformação da consciência e identidade europeias num período que vai, sensivelmente, de meados do século xvi a finais do século XVIII. A análise debruçar-se-á sobre objectos de índole muito diversa (mapas, histórias, ensaios, sátiras, relatos de viagens) que têm, de alguma forma, sempre subjacente a literatura de viagens da época.

1. A descoberta da Europa

A abrir um livro sobre a ideia de unidade europeia publicado na última década do século passado, o historiador britânico Derek Heater afirma, peremptório: “Europe has never been effectively united” (Heater 1992: 2). Quando considerada de um ponto de vista histórico-político, a afirmação não parece (pelo menos em princípio) suscitar dúvidas ou merecer objecções de maior: a história da Europa é de facto uma história reconhecidamente marcada por guerras e conflitos internos (falar de desunião seria neste caso um óbvio eufemismo). Contudo, se se considerar a unidade europeia enquanto *ideia*, que é aliás o objecto de estudo primeiro do volume de Heater e fica inscrito no próprio título do livro, a situação é já muito diferente e aquela afirmação inicial parece de algum modo desajustada e dificilmente sustentável.

O mapa antropomórfico da Europa, popularizado sobretudo pelas inúmeras edições da *Cosmografia* do geógrafo alemão Sebastian Münster em meados do século XVI (fig. 1), coloca obviamente em causa, e de uma forma perfeitamente clara e visível, a afirmação do historiador britânico.

Com esta imagem a Europa ganha literalmente corpo e forma. A encarnação num corpo de mulher de um mapa do território europeu reforça a ideia de uma unidade orgânica natural. Coroa, orbe e ceptro, por outro lado, dão-lhe uma aura de autoridade majestática sobre o mundo, nomeadamente sobre a Ásia e a África, cujos territórios surgem recortados nas margens da gravura. No corpo-território europeu ficam representados os principais rios e cordilheiras de montanhas, que constituem as fronteiras naturais entre as regiões identificadas tipograficamente na imagem. Embora não sejam visíveis traços de fronteiras políticas, existe no entanto uma hierarquia simbólica dos poderes europeus que não pode deixar de ser aqui registada: a Península Ibérica



(cabeça) ostenta a coroa, a Itália (braço direito) segura o orbe (Sicília), símbolo do poder cristão no mundo, e a Dinamarca (braço esquerdo) empunha o ceptro, símbolo do poder soberano régio; no centro, envolta por um círculo ornamental muito regular que se destaca dos outros conjuntos ornamentais patentes na gravura, encontra-se a Boémia dos Habsburgos.³

Para o surgimento desta imagem, assim como para o seu sucesso em meados do século XVI, contribuíram diversas circunstâncias. À representação da Europa como mulher não será, por um lado, alheia a cultura humanista do Renascimento, e a redescoberta e revalorização dos mitos clássicos, nomeadamente do mito do rapto de Europa, nem as representações alegóricas dos continentes, que se haviam tornado frequentes na época e nas quais a Europa, a Ásia e a África eram invariavelmente representadas por figuras femininas. De um ponto de vista formal, a figura obedece portanto às regras da iconografia simbólico-alegóric da época. Como Cesare Ripa notava na sua *Iconologia*, publicada alguns anos depois desta edição da *Cosmografia* de Münster, “Europa è prima, & principale parte del Mondo. (...) La corona che porta in teista è per mostrare, che l’Europa e stata fempre superiore, & Regina di tutto il Mondo” (Ripa 1603: 332). Mas a par destes aspectos relacionados com o enquadramento cultural da gravura há ainda que ter presente dois momentos históricos de enorme relevo para a época que marcam decisivamente a emergência desta Europa una e hegemónica.

De facto, é importante sublinhar que a unidade europeia aqui projectada é, de alguma forma, o produto dos apelos à unidade cristã contra o inimigo Turco que foram lançados pelo Papa Pio II (entre outros), depois da queda de Constantinopla

(1453). Lenta mas progressivamente, o termo “Europa” foi-se sobrepondo ao termo “Cristandade” nos textos dos séculos seguintes, de modo que a unidade subjacente à ideia de Cristandade acabou por se constituir como uma categoria central da própria ideia de Europa e do imaginário europeu (cf. Hay 1957: 102-106; Burke 1980; Gollwitzer 1964: 18-38). Por seu turno, a pose majestática e triunfante desta *Europa Regina* (nome por que é frequentemente conhecida esta gravura) resulta da expansão atlântica europeia e da descoberta do Novo Mundo (1492), justamente levada a cabo por europeus que ousaram desafiar mitos e preconceitos antigos, arriscando ir mais além das colunas de Hércules (cf. Elliot 2015: 209). Significativamente, o olhar da figura popularizada por Münster parece contemplar esfingicamente as míticas colunas de Hércules.

Dir-se-ia pois que o “perigo Turco” e a descoberta do Novo Mundo estão na origem da descoberta da Europa pelos europeus. Ambos desempenham o papel de “espelho negativo” a partir do qual, por contraste, se forma a identidade europeia em meados do século XVI (Burke 1980: 24-25; Yapp 1992).

O olhar contemporâneo tenderia provavelmente a ver nesta figura uma marca ineludível do projecto colonial europeu, uma espécie de “cartopolitical despotism” (Bueno Lucy/Van Houtum 2015: 478) in nuce que se prolongaria até aos dias de hoje. Contudo, o texto que acompanha a imagem na *Cosmografia de Münster* não aponta nesse sentido. As principais referências do autor são os geógrafos e historiadores gregos e latinos (Estrabão, Ptolomeu, Plínio o Velho, entre outros) e a sua grande preocupação parece ser a de dar à Europa uma posição de proeminência no quadro de um mundo tripartido clássico, como se pode perceber a partir dos dois excertos a seguir transcritos (Münster 1588: iii [37] e xlii [174]):

Europa (...) ist ein trefflich fruchtbars Landt / und hat auch ein natürlichen temperierten Lufft / und auch einen milten Himmel / und ist kein mangel darinn / weder and Wein / noch auch am Korn / oder an andern fruchtbaren Bäumen. Dazu ist es auch ein schön lustig Landt / wol gezieret mit Stetten / Schössern und auch Dörffern / dazu hat es auch ein dapffers unnd Mannhaftiges Volck / daß es ubertrifft Asiam und Africam. (Münster 1588: iii [37] e xlii [174])

[A Europa (...) é uma terra muito fértil e tem também um clima temperado e também um céu ameno e nela não há falta nem de vinho nem também de cereais ou de outras culturas férteis. Além disso, é também uma terra bela e agradável, embelezada por cidades, castelos e aldeias, e tem também um povo forte e viril que ultrapassa o Asiático e o Africano.]

In der Welt ist Europa das erst drittheil / ob es schon kleiner ist weder Africa oder Asia nach seiner breite ñ lenge ist es doch ein trefflich groß Landt / das seiner lenge nach voñ Hispania biß gen Constantinopel. (...) Das ist einmal gewiß daß Europa ist ein trefflich

Fruchtbar und wol erbawē Landt / und hat nicht minder / ja mehr Volcks dañ Africa / ob schon Africa seiner weite uñ breite halb viel größer ist. (*ibidem*)

[A Europa é a terceira maior parte do mundo e, embora seja mais pequena do que a África ou a Ásia em largura e comprimento, é, no entanto, uma terra imensa, que se estende desde a Hispânia até Constantinopla. (...) É bem sabido que a Europa é uma terra esplendidamente fértil e bem cultivada, e não tem menos (até tem mesmo mais) pessoas do que a África, embora esta seja muito maior em comprimento e largura.]

É inegável que o discurso estruturante da imagem é um discurso de afirmação de identidade e de poder, mas no quadro geo-mental da *Cosmografia* de Münster a Europa mede-se em função de e por comparação com a Ásia e a África, enquanto que a América e o Novo Mundo são relegados para um plano secundário, periférico e algo indistinto, surgindo representados como um conjunto de ilhas e integrados no final do livro v que trata da Ásia (cf. Davies 2011). A Europa que emerge desta imagem é assim, muito mais, um continente *primus inter pares*, do que uma Europa *domina mundi*.

2. A descoberta dos Europeus

Menos de um século depois, a representação europeia da Europa conhece alterações substanciais. O mapa do cartógrafo holandês Willem Blaeu (fig. 2) mostra uma Europa consideravelmente diferente, aparentemente atomizada na sua identidade e mais subtil na sua afirmação hegemónica.



Fig. 2: Willem Janszoon Blaeu, Europa recens descripta (Blaeu/Blaeu 1635: [19])⁴

Trata-se de uma imagem composta, no centro da qual está o mapa geográfico do território europeu onde são agora claramente visíveis fronteiras políticas. O mapa é enquadrado por uma moldura decorativa constituída por imagens de cidades europeias e pares de figuras humanas em trajes que se afiguram típicos da região que representam. Globalmente, a estrutura da imagem, combinando mapa, espaços urbanos e habitantes, segue um modelo de sucesso desenvolvido pelos editores holandeses da época (cf. Sutton 2009: 31-37).⁵

Numa faixa horizontal superior (fig. 3) são apresentadas vistas de perfis ou plantas de uma série de capitais europeias.



Fig. 3: Willem Janszoon Blaeu, *Europa recens descripta* (Blaeu/Blaeu 1635: [19]). Faixa superior, detalhe.

As imagens das cidades parecem ser decalcadas do trabalho notável de Georg Braun e Franz Hogenberg, *Civitates Orbis Terrarum*, publicado a partir de 1572 na sequência do sucesso que foi a obra de Abraham Ortelius, *Theatrum Orbis Terrarum* (1570), e deveriam portanto ser relativamente familiares na época. A sua disposição não segue, contudo, o posicionamento longitudinal de cada uma das cidades no mapa. Lisboa surge nos antípodas da sua situação geográfica (no extremo Leste da faixa), enquanto que no extremo Ocidental está Amsterdão, a cidade natal de Blaeu. No centro está Roma e as cidades europeias representadas incluem Constantinopla e Toledo (mas ainda não Madrid). A disposição das cidades nesta faixa superior parece seguir uma linha oposta (ou inversa) ao seu posicionamento longitudinal efectivo no mapa. Exceptuando Amsterdão, as cidades que surgem na faixa à esquerda (a Oeste) de Roma encontram-se efectivamente a Leste daquela cidade, e as que são apresentadas na faixa à direita (a Leste) de Roma situam-se geograficamente a Oeste da cidade italiana. Ou seja, não se segue já uma ordem natural, i.e., próxima da disposição territorial das cidades no mapa, mas sim uma ordem outra relativamente complexa, sendo certo que Amsterdão tem ali um papel de destaque já que, no canto superior

esquerdo do mapa e apontando simbolicamente para a origem de todo o conjunto, inaugura esta faixa decorativa superior.

A imagem é ainda emoldurada por duas faixas laterais verticais (fig. 4) onde se encontram representados diversos povos ou, talvez melhor, diversos “tipos nacionais” europeus em trajes típicos burgueses.



Fig. 4: Willem Janszoon Blaeu, *Europa recens descripta* (Blaeu/Blaeu 1635: [19]). Faixas laterais, detalhe.

A ordem subjacente à apresentação das figuras (desta vez aparentemente mais clara do que no caso das cidades) é hierárquica e está ligada à percepção que a época tinha da “civilidade” ou do “estado civilizacional” dos povos (cf. Sutton 2009: 14 e Brienen 2006: 78-81): em primeiro lugar, no canto superior da faixa à esquerda, surgem os Ingleses, seguidos dos Franceses, Belgas, Castelhanos e Venezianos; em último lugar, no canto inferior da faixa direita estão os Gregos.

Em todo o caso, o que se afigura importante destacar nesta imagem é que a figura humana que dava forma, sentido e unidade ao mapa antropomórfico de Münster atomiza-se. Ao mesmo tempo, também a lógica estruturante do poder monárquico, cristão e imperial (coroa, orbe, ceptro) desaparece e é substituída por um mundo essencialmente burguês, plural e diverso. A tônica posta nas cidades e nos “tipos nacionais” indicia claramente uma transformação da própria percepção da identidade europeia: depois de uma Europa organicamente una, que havia encontrado e afirmado

a sua identidade contra o Turco e face à diferença do Não-Europeu, a Europa parece agora virar-se para si própria. E descobre-se plural e internamente diferente.

Nesta transformação, a literatura de viagens da época desempenha um papel duplamente central: por um lado, é a fonte de informação por excelência, tanto do mundo Não-Europeu como do próprio mundo Europeu (cf., entre outros, Gollwitzer 1964: 40; Phillips 2013; Harbsmeier 1995), por outro lado, induz no olhar europeu um perspectivismo fundamental que o transforma e lhe permite, de uma forma inédita, observar a Europa a partir de pontos de vista até ali pouco usuais. *As Cartas Persas* de Montesquieu (1721) são um exemplo paradigmático deste exercício perspectivista, exercício esse que teve um antecessor (e modelo) importante na obra de Giovanni Paolo (ou Jean Paul) Marana, *L’Espion du Grand-Seigneur* (1686) – a qual foi ao longo dos anos seguintes muito aumentada e traduzida para inglês sob o título de *Letters Writ by a Turkish Spy* (cf. Aksan 1994) –, e inúmeros sucessores ao longo do século XVIII, de entre os quais se destacam Oliver Goldsmith, com o seu *The citizen of the world, or, Letters from a Chinese philosopher* (Goldsmith 1790 [1762]), ou Ange Goudar e o seu *L’Espion Chinois* (Goudar 1765). Turcos, Persas e Chineses, mas também os habitantes do Novo Mundo (cf. Diderot 1796), foram assim sendo sucessivamente usados para “estranhar” a Europa e, desse modo, incorporados no olhar europeu (cf. Launay 2018, Pagden 2000 e, sobretudo, Weißhaupt 1979, onde fica reunida uma impressionante antologia de textos franceses, ingleses, alemães e espanhóis deste género).

Esta incorporação ou, se se preferir, esta apropriação do olhar do Outro alargou e enriqueceu consideravelmente o imaginário europeu, transfigurou-o mas não o perturbou. Na verdade, todo este processo de incorporação do Outro correspondeu, no essencial, a uma incorporação da *encenação europeia do olhar do Outro sobre a Europa*, que veio ainda reforçar a “coesão” da identidade europeia (Neumann/Welsh 1991). O Outro teve portanto uma função fundamentalmente retórica, com base na qual era possível definir, por contraste com aquilo que a Europa *não era* (ou *não queria ser*), aquilo que a Europa dizia (ou imaginava) ser (Richter 1997).

Paralelamente, os diversos compêndios geográficos e as Histórias dos estados e reinos europeus que foram abundantemente surgindo em vários volumes ao longo dos séculos XVII e XVIII (cf., por exemplo, Pufendorf 1683, Joachim 1747, Campbell 1750, Büsching 1754, Voltaire 1757 ou Robertson 1769) contribuíram decisivamente para estabilizar a imagem da Europa ao mesmo tempo que confirmavam o lugar central que lhe caberia no quadro de uma “história” (agora dita) “universal”. Naturalmente, esta Europa é já, em parte e em grande medida, diferente daquela que Münster havia simbolicamente projectado. É certo que apresenta ainda os traços hegemónicos autocomplacentes da gravura imperial do século XVI, mas agora notam-se nela zonas paradoxais mais complexas e de certo modo preocupantes: apresenta-se no modo singular-plural, como um continente que é cada vez mais um continente-ideia, uma espécie de território geográfico desmaterializado e dividido, habitado por uma

polifonia de vozes e por tensões centrífugas que o parecem querer empurrar para a fragmentação.

Com efeito, a partir de meados do século xvii o léxico destes textos começa a conhecer alterações significativas que apontam no sentido de se caminhar progressivamente para uma fragmentação do quadro identitário europeu: o termo “nação”, por exemplo, ou as expressões “carácter das nações”, “carácter nacional”, “génio” ou “espírito das nações” começam a surgir de uma forma mais persistente, substituindo em parte “povos”, “estados” ou “reinos” e, principalmente, ofuscando o brilho que o termo “Europa”, no singular, tinha tido durante décadas. No palco do *Teatro do Mundo* (Ortelius 1570) a Europa transformava-se no vago pano de fundo histórico-geográfico de uma cena que tinha agora em primeiro (grande) plano o “génio” ou “espírito das nações” europeias.

Neste contexto merece destaque um título que é significativamente contemporâneo do mapa atrás reproduzido de Blaeu e que antecipa muito deste vocabulário e das transformações que lhe estão subjacentes. Trata-se do *Icon Animorum*, do franco-escoês John Barclay, publicado originalmente em Londres em 1614.⁶ O original em latim conheceu diversas edições ao longo do século xvii, tendo sido traduzido para francês, inglês e alemão, língua esta em que terá sido particularmente popular já que a última tradução data de 1902 (cf. Riley 2013: 46-47). Dedicado ao jovem rei de França Luís xiii, o livro tem como objectivo retratar a mente humana na sua diversidade, as “naturezas e impulsos de todos os homens”, as suas “mentes e costumes” (Barclay 2013: 53).

Depois de um primeiro capítulo exclusivamente dedicado às “quatro idades do homem” (*idem*: 58-76), o autor entra naquela que se pode considerar a matéria propriamente dita do seu estudo, reflectindo sobre a razão de ser das diferenças entre os “génios” característicos dos indivíduos, das nações e das épocas (*idem*: 81). Sublinhando a utilidade prática do seu livro -

nothing is more beneficial than from the genius of divers nations to be so informed as to know how to behave ourselves in different countries and what to expect or fear from every place, it will be worth our labour to define here the especial manners of some nations, so that from the common disposition of many men, we may find out the private in particular persons. (...) (*idem*: 87)

- Barclay propõe-se lançar um olhar distanciado, imparcial e panorâmico sobre o mundo contemporâneo (“[L]et us survey the world as from a tower, and look who now are the inhabitants and masters of it”; *ibidem*). No entanto, depois de breves considerações sobre as “nações bárbaras” das longínquas África, Ásia e América, e depois de constatar que “The natures of those rude people are incapable of our civility” (*idem*: 89), questiona o interesse de se debruçar sobre os povos que habitam

aquelas partes do mundo e decide reduzir significativamente o seu objecto de estudo à Europa:

What profit will it be to examine farther the manners of these people, who by a barbarous wildness have seemed (as it were) to forsake Nature? Especially seeing they contain themselves within their own shores and admit no foreigners, unless upon compulsion or some slight occasion of sudden traffic. But to leave those nations which are either unknown to us or by too great a distance of sea and land, too far divided from our acquaintance; to examine the inhabitants and genius of our own world; the habit of each country, the condition of the soil, the temper of the air, or distemper in either kind, will not be improper to our present discourse. (*ibidem*)

Cerca de metade da sua obra é então dedicada às descrições das “excelências” francesas e britânicas, aos “costumes” alemães, às “virtudes” italianas, ao “génio” espanhol, aos “Húngaros, Polacos e Moscovitas” e, finalmente, a “Turcos e Judeus” (*idem*: 90-217). Globalmente, o discurso é composto a partir de uma série de generalidades sobre os países descritos onde se notam ecos dos clássicos (como Teofrasto), influências de relatos de viagens da época, e se reproduzem histórias anedóticas, observações estereotipadas e, de acordo com o editor do texto, também diversas impressões que terão sido produto das próprias viagens de Barclay pela Europa (cf. Ridley 2013: 15-20).

O “génio” das nações (europeias) transformar-se-ia num dos temas da cultura europeia mais marcantes dos séculos seguintes, atravessando não apenas a literatura de viagens da época, como também um número sem fim de livros que tratavam dos mais variados tópicos. Vejam-se por exemplo as páginas que Dubos dedica ao assunto na secção 15 (“Le pouvoir de l’air sur le corps des hommes prouvé par le caractere des Nations”) do segundo volume das suas *Reflexões críticas sobre a poesia e a pintura* (Dubos 1719, ii: 238-261), que aliás remete o leitor que queira aprofundar o tema justamente para Barclay, ou ainda as diversas cartas que o Marquês de Argens deixa nas suas *Memórias* sobre os Italianos, Espanhóis, Flamengos, Turcos e Holandeses (Argens 1736: 177-239). Temas como o “génio” e o “espírito das nações” (cf. Espiard de la Borde 1751 e 1752), ou como o “carácter nacional” dos povos europeus, um assunto a que também David Hume significativamente dedica um ensaio (Hume 1758 [1748]) e que continua a ser explorado obsessivamente a partir da segunda metade do século XVIII (Zwierlein 1767 e Andrews 1770 entre outros; cf. Hayman 1971; Leerssen 2000; Sebastiani 2014), vão-se assim nitidamente sobrepondo à ideia de uma Europa singular, una e hegemónica, anteriormente idealizada (e que de resto chegou mesmo a ser projectada politicamente; cf. Bellers 2010 [1710]).

3. A descoberta dos selvagens Europeus

É evidente que todas estas transformações tiveram entretanto consequências de relevo numa identidade europeia que agora se dizia cada vez mais - ou, em boa verdade, já só se deixava dizer - no plural. A contante repetição das diferenças entre os “génios nacionais” europeus torna-os a pouco e pouco caricaturais, favorece a criação e reprodução de estereótipos e preconceitos numa época que, justamente, havia globalmente declarado guerra ao preconceito. O surgimento, neste contexto, de uma sátira nacionalista, i.e., especialmente focada nos “tipos nacionais”, não constitui exactamente uma surpresa e é uma marca óbvia da crescente consciência e importância (pelo menos nos círculos letrados) da ideia de uma identidade nacional, supraindividual, única e agregadora das populações.

O livro do francês Robert-Martin Lesuire, *Les Sauvages de l'Europe*, publicado em Berlim em 1760, é certamente um caso a reter a este título. Tendo conhecido uma reimpressão (1762) e sido traduzido para inglês (1764) e alemão (1770), o livro conta a história de dois jovens amantes franceses que decidiram ir para Inglaterra para viver o seu amor em liberdade. Como o narrador explica, “Paris leur paroissoit le centre des préjugés, parcequ'on y frondoit leur liaison; les François étoient des bavards, parcequ'ils s'avisent de parler sur leur commerce, & Londres étoit l'asile de la raison, parcequ'ils esperoient que leur amour y seroit en liberté” (Lesuire 1760: 1-2). O texto abre com uma exclamação entusiástica e esperançosa do protagonista - “Vive l'Angleterre!” (*idem*: 1) - e fecha com outra semelhante, mas de teor oposto (que surge destacada em maiúsculas no original): “VIVE LA FRANCE” (*idem*: 137). Pelo meio ficam uma série de peripécias vividas em Inglaterra pelo jovem casal francês na companhia de um velho Mandarim Chinês, culto e letrado, uma figura claramente inspirada pelas *Cartas Persas* (para as quais Lesuire, de resto, remete o leitor em nota; *idem*: 7). A visão idílica que o casal tinha da Inglaterra é desde o início contrariada pelo Mandarim Chinês que lhes dá a ler a tradução francesa de um livro (imaginário) de viagens pela Europa de Tchim-Kao:

Vers le Nord de l'Europe, on rencontre deux Nations Sauvages, les Lapons & les Anglois. Les premiers ne sont Sauvages que du côté de l'esprit; les tenebres de leur Ciel se communiquent à leur ame, les Arts ne peuvent germer dans ce pays stérile. Les seconds sont barbares dans le cœur; ils s'imaginent, comme tous les autres Sauvages, être le premier peuple du monde, & même le plus policé. Ils se donnent le titre fastueux de Rois de la mer, ils n'en sont que les Pirates; ils vivent de rapines, ils n'ont que l'art de mettre les Nations à une espece de contribution. Ils savent les dépouiller, & ne sauroient les vaincre. (*idem*: 6-8)

Incrédulos, numa primeira fase, os jovens franceses vão a pouco e pouco sendo testemunhas da “selvajaria” britânica, da insolência e misoginia da “populaça”, da crueldade dos linchamentos públicos, e decidem por fim regressar ao seu país natal.

A história é uma sátira cáustica das leis e dos costumes britânicos, e tem fortes motivações políticas, já que foi escrita e publicada durante a Guerra dos Sete Anos, numa época em que França e Inglaterra se defrontavam em campos de batalha opostos (cf. Bell 2003: 43-44).⁷

A sátira de Lesuire faz parte de um género de livros que conheceu uma popularidade significativa no século XVIII (cf. Knight 2004; O'Shaughnessy 2019). De tal forma, aliás, que em 1766 Gazon-Dourxigné decide publicar uma espécie de compêndio satírico sobre os povos, um “ensaio histórico e filosófico” sobre o “ridículo das nações”. Dos Egípcios aos Franceses, passando pelo Judeus, Gregos, Romanos, Espanhóis, Alemães ou Ingleses nenhuma “nação” (no sentido alargado que o termo então tinha) é poupada. Como o autor deixa bem explícito no início do texto, o que o move não é o ódio contra a humanidade mas sim o divertimento que a observação dos paradoxos da humanidade lhe provoca (Gazon-Dourxigné 1766: 1-2): “je ne suis pas un Misanthrope, ennemi de mes semblables; les hommes ne me sont point odieux; mais ils me divertissent infiniment. (...) On remarque sur-tout, en eux, un mélange de grandeur & de petitesse, de folie & de sagesse, également digne & de surprise & de risée”.

O volume de Gazon-Dourxigné constitui uma fonte inestimável para o estudo da mentalidade europeia de meados do século XVIII, dado que se trata de uma leitura crítica e comentada de fontes várias, antigas e modernas, sobre o “carácter das nações”, grande parte das quais é constituída por relatos de viagem que deliberadamente não são citados para não sobrecarregar o leitor (cf. *idem*: 2, nota). No centro das preocupações do autor continua a estar o paradoxo das diferenças entre os “génios nacionais” que contrasta agora com uma concepção universal da humanidade prevalectente em todas as “histórias filosóficas” da época:

On a vû dans tous les faits dont j'ai semé ce petit Ouvrage bien des absurdités & des folies; mais ce n'est, rien en comparaison de ce que je ne sçais point, ou de ce que je ne dis pas: est-il quelq'extravagance si extraordinaire qu'on la puisse imaginer, qui ne soit entrée dans la tête des hommes? Leurs passions & leurs vices sont par-tout les mêmes; mais ils different beaucoup par les coutumes & les idées: l'écriture des Européens va de gauche à droite, celle des Juifs de droite à gauche; les Chinois en ont une qui va de haut en bas: il en est de même des opinions, ainsi que des mœurs de tous les Peuples. (*idem*: 151-152)

De facto, para muitos autores de meados do século xviii, o ridículo, o absurdo e a loucura pareciam dominar a inexplicável (e irracional) diversidade humana que a literatura de viagens tornara visível. Isso mesmo era então também constatado de uma forma porventura mais radical pelo médico suíço Johann Georg Zimmermann no seu *Ensaio sobre o Orgulho Nacional*, uma obra que decerto inspirou Gazon-Dourxigné e que foi um verdadeiro sucesso editorial do século XVIII, com seis edições

entre 1758 e 1789, e traduções para, pelo menos, seis línguas europeias (Zimmermann 1768: 12): “Die Narrheit ist die Königin der Welt; wir tragen alle mehr und weniger ihre Livrey, ihre Ordensbänder, ihre Ordensreuze und ihre Schellen” [“A loucura é a rainha do mundo. Uns mais, outros menos, todos vestimos o seu libré, todos ostentamos as suas condecorações, os seus galões e os seus guizos”].

A Razão, fiel depositária da verdade do século XVIII, parecia agora alheada (quando não ausente) do mundo. Talvez por isso, seria convidada a viajar pela Europa na Primavera de 1769 para verificar se as Luzes que haviam sido oferecidas aos Europeus não estavam já obscurecidas e não teriam sido vítimas da “tirania das modas” que então assolaria a Europa (Caraccioli 1772: 1). O balanço, no entanto, não era particularmente animador, já que os poderosos raios de luz que a Razão exibiu na sua despedida “auroient infailliblement dissipé les illusions & les prejugés, si l’opinion & la mode n’étoient pas les tyrans des esprits” (*idem*: 174).

4. Europa mobile

Alguns anos mais tarde, o popular e prolífico autor da *Voyage de la Raison en Europe* publicou um outro livro - *Paris, le modèle des nations étrangères, ou l’Europe françoise* - onde regressa de novo à Europa. Na verdade, o livro dá continuidade à obra anterior, já que começa onde o outro acaba e debruça-se justamente sobre “a tirania das modas”, nomeadamente sobre a influência francesa nas outras nações europeias. Como fica explicitamente referido no prefácio (Caraccioli 1777: vii), “Ce Livre est tout simplement un tableau ou je représente les Européens selon le Costume François, qu’ils ont adopté”.

Ao longo do texto, Caraccioli não se cansa de enaltecer o papel que a viagem tem para a Europa da época, notando - e esta é uma observação que merece destaque por ser inédita no quadro da literatura que aqui tem vindo a ser considerada - que a mobilidade aproxima os europeus e favorece o convívio entre eles:

Rien de plus avantageux que d’avoir franchi, par le moyen des chemins publics & des postes, l’intervalle immense qui séparoit les Européens les uns des autres. Il semble qu’il n’y ait plus de distance entr’eux. Paris touche Pétersbourg, Rome Constantinople, & ce n’est plus qu’une seule & même famille qui habite différentes régions. J’appelle la Pologne, la Suède, le Dannemarck, je les prie de me donner la main, & déjà nous nous saluons, nous nous embrassons, nous fraternisons. C’est le même esprit qui nous vivifie, la même âme qui nous anime. (Caraccioli 1777: 351)

As metáforas usadas por Caraccioli para definir a Europa e os europeus são elucidativas: uma “mesma família”, o “mesmo espírito” e a “mesma alma”. O corpo projectado por Münster tinha-se desmaterializado mas os laços “familiares” asseguravam uma unidade orgânica natural ao conjunto. A unidade europeia parecia

ter sido reencontrada agora num modo que se diria cosmopolita e na raiz desta re-descoberta da Europa estavam ainda, curiosa mas significativamente, a mobilidade e a viagem.

Compreensivelmente, a obra de Caraccioli inclui um capítulo específico sobre as viagens que se afigura particularmente relevante para o tema aqui tratado. Ali, o autor é peremptório sobre o papel das viagens na formação da identidade europeia: “L’Europe sans les voyages ne seroit sûrement pas ce qu’elle est” (Caraccioli 1777: 132).

A observação é pertinente sob vários pontos de vista. De facto, seja enquanto figura, alma, ideia, continente, teoria ou conceito, a Europa é, em grande medida, um produto da literatura de viagens e, portanto, também, um produto da mobilidade.

Por um lado, numa fase inicial, a literatura de viagens que se debruça sobre o espaço não-europeu alarga significativamente o horizonte epistemológico europeu, obrigando a Europa a reposicionar-se, i.e., a repensar o seu lugar e identidade no quadro do novo mundo conhecido; por outro lado, posteriormente, a literatura de viagens que se ocupa do espaço europeu introduz o perspectivismo no quadro da consciência europeia, tornando muito claros os paradoxos subjacentes a uma identidade que se imagina uma e que, no entanto, só se deixa dizer num plural perspectivista e heteronímico.

É possível que a unidade europeia, projectada pela gravura popularizada por Münster em meados do século XVI, ou vislumbrada por Caraccioli no século XVIII, corresponda mais a um desejo fantasioso de unidade do que à realidade de uma Europa persistentemente “ambivalente” (Delanty 1995: 1-15; Delanty 2013: 147-168). Mas essa ambivalência, tal como aquele desejo, fazem também parte da identidade e do imaginário europeus. Certo é, em todo o caso, que sem a mobilidade, as viagens e a literatura de viagens a Europa não seria simultaneamente singular, plural, civilizada, selvagem e, claro, sempre ambivalente.

Notas

* Fernando Clara é docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lecciona e investiga na área dos Estudos Alemães, Estudos Culturais, Relações Luso-Alemãs. De entre as suas publicações destacam-se *Mundos de Palavras. Viagem, História, Ciência, Literatura: Portugal no espaço de Língua Alemã, 1770-1810* (Frankfurt am Main: Peter Lang 2007) e a (co-)edição dos volumes *Outros Horizontes: Encontros Luso-Alemães em Contextos Coloniais* (Lisboa: Colibri 2009), *A Angústia da Influência. Política, Cultura e Ciência nas relações da Alemanha com a Europa do Sul, 1933-1945* (Frankfurt am Main: Peter Lang 2014), *Nazi Germany and Southern Europe, 1933-45: Science, Culture and Politics* (Basingstoke, New York: Palgrave Macmillan 2016).

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

² Sobre Münster e a sua *Cosmografia* veja-se McLean (2007).

³ Sobre esta imagem, a sua história, origens e as diversas variantes produzidas na época vejam-se Meurer (2008), Werner (2015), Schmale (2000, 2012) e, mais recentemente, Nocentelli (2023); sobre a sua integração na iconografia europeia da época cf. Kivelson (2015: 44-54), Wintle (2019) e Hale (1993: 3-27). Note-se que a publicação desta edição de 1588 da *Cosmografia* (aqui utilizada) é já póstuma (Münster faleceu em 1552) e nela foram introduzidas uma série de imagens cartográficas novas (cf. Meurer 1993), entre as quais também a figura acima reproduzida que foi depois publicada em todas as edições seguintes da obra (cf. Meurer 2008: 363).

⁴ O mapa teve várias impressões entre 1617 e, pelo menos, 1655 (cf. Keuning 1959). Sobre a prolífica produção cartográfica de Willem Blaeu na época vejam-se Sutton (2015) e Rasterhoff (2017).

⁵ Vale a pena registar que no mesmo volume onde a imagem acima reproduzida se encontra (Blaeu/Blaeu 1635) surgem ainda três outros mapas, da Ásia (*idem*: [24]), África (*idem*: [27]) e América (*idem*: [32]), que seguem uma estrutura semelhante: no centro encontra-se o mapa do território, emoldurado, em cima, por imagens das cidades mais importantes e, lateralmente, por “caracteres nacionais” ou “tipos etnográficos” de cada um daqueles continentes.

⁶ O livro tem vindo a merecer renovado interesse por parte da investigação (cf. e.g. Proß 2020 e Walser 2017) fruto de uma edição anotada recente da tradução inglesa de 1631 (Barclay 2013), que aqui foi também utilizada. Sobre o livro e o seu autor cf. Riley (2013), Fumaroli (2018: 50-64) e Becker (1904).

⁷ Não deixa de ser interessante registar que a tradução inglesa do livro abre com o mesmo “Vive l’Angleterre” (Lesuire 1764: 1), mas já não fecha com o “Vive la France” (*idem*: 144). Em 1780, já depois de terminada a Guerra dos Sete Anos, o texto teve ainda uma segunda edição francesa, profundamente revista, em que o tom satírico é muito amenizado, o que se nota desde logo no novo título da obra: *Les amants français à Londres, ou les délices de l’Angleterre* (Lesuire 1780).

Bibliografia

Adams, Percy G. (1962), *Travelers and travel liars, 1660-1800*. Berkeley, CA, University of California Press.

Aksan, Virginia H. (1994), “Is There a Turk in the *Turkish Spy?*”, *Eighteenth-Century Fiction* 6 (3): 201-214.

Andrews, John (1770), *A review of the characters of the principal nations in Europe*. London, T. Cadell.

Argens, Jean-Baptiste de Boyer (1736), *Mémoires de monsieur le Marquis d’Argens, avec quelques lettres sur divers sujets*. Londres, Aux dépens de la Campagnie.

- Barclay, John (2013), *Icon animorum, or, The mirror of minds*. Mark T. Riley (ed.); Thomas May (trad). Leuven, Leuven University Press.
- Becker, Philipp August (1904), "Johann Barclay 1582-1621", *Zeitschrift für vergleichende Litteraturgeschichte*, xv: 33-118.
- Bell, David Avrom (2003), *The Cult of the Nation in France: Inventing Nationalism, 1680-1800*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- Bellers, John (2010), *Some reasons for an European State: Facsimile of the original essay of 1710: tercentenary edition*. Valletta, Midsea Books [1710].
- Binney, Matthew W. (2006), *The Cosmopolitan Evolution: Travel, Travel Narratives, and the Revolution of the Eighteenth Century European Consciousness*. Lanham, MD, University Press of America.
- Blaeu, Willem Janszoon / Blaeu, Joan (1635), *Le theatre du monde ou nouvel atlas contenant les chartes et descriptions de tous les pais de la terre*. Amsterdami, Apud Iohannem Guiljelmi F. Blaeu.
- Braun, Georg / Hogenberg, Franz (1572), *Civitates Orbis Terrarum*. Coloniae Agrippinae, Apud Petrum à Brachel.
- Brienen, Rebecca Parker (2006), *Visions of savage paradise: Albert Eckhout, court painter in colonial Dutch Brazil*. Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Bueno Lacy, Rodrigo / Van Houtum, Henk (2015), "Lies, Damned Lies & Maps: The EU's Cartopolitical Invention of Europe", *Journal of Contemporary European Studies* 23 (4): 477-499.
- Burke, Peter (1980), "Did Europe exist before 1700?", *History of European Ideas*, 1 (1): 21-29.
- Büsching, Anton Friedrich (1754), *Neue Erdbeschreibung. Hamburg: Johann Carl Bohn. Campbell, John (1750), The Present State of Europe. Explaining the Interests, Connections, Political and Commercial Views of Its Several Powers*. Dublin, G. Faulkner.
- Caraccioli, Louis-Antoine de (1772), *Voyage de la raison en Europe*. Compiègne, Louis Bertrand.
- Caraccioli, Louis-Antoine de (1777), *Paris, le modèle des nations étrangères, ou l'Europe française*. Paris, Duchesne.
- Davies, Surekha (2011), "America and Amerindians in Sebastian Münster's *Cosmographiae universalis libri VI* (1550)", *Renaissance Studies* 25 (3): 351-373.
- Delanty, Gerard (1995), *Inventing Europe: Idea, Identity, Reality*. London, Macmillan.
- Delanty, Gerard (2013), *Formations of European Modernity: A Historical and Political Sociology of Europe*. Basingstoke; New York, Palgrave Macmillan.
- Diderot, Denis (1796), "Supplément au voyage de Bougainville", in *Opuscules philosophiques et littéraires, la plupart posthumes ou inédites*. A Paris, De l'imprimerie de Chevet: 187-270.

- Dubos, Jean-Baptiste (1719), *Réflexions critiques sur la poésie et sur la peinture*. A Paris, Chez Jean Mariette.
- Elliott, John H. (2015), "Europe and the Atlantic", in Pietro Rossi (ed.), *The Boundaries of Europe: From the Fall of the Ancient World to the Age of Decolonisation*. Berlin; Boston, De Gruyter Akademie Forschung: 209-221.
- Espiard de la Borde, François Ignace d' (1751), *Essais sur le Genie et le Caractere des Nations*. La Haye, van Daalen (2 vols.).
- Espiard de la Borde, François Ignace d' (1752), *L'Esprit des Nations*. La Haye, Beauregard, Gosse, van Daalen (2 vols.).
- Euben, Roxanne L. (2008), "Liars, Travelers, Theorists: Herodotus and Ibn Battuta", in *Journeys to the Other Shore: Muslim and Western Travelers in Search of Knowledge*. Princeton, NJ; Oxford, Princeton University Press: 46-89.
- Evans, J. A. S. (1968), "Father of History or Father of Lies: The Reputation of Herodotus", *The Classical Journal* 64 (1): 11-17.
- Fumaroli, Marc (2018), *The Republic of Letters*. Lara Vergnaud (trad.). New Haven, Yale University Press.
- Gazon-Dourxigné, Sébastien Marie Mathurin (1766), *Essai Historique et Philosophique sur les principaux ridicules des différentes Nations. Suivi de quelques poesies nouvelles*. Amsterdam, Chez Rey.
- Goldsmith, Oliver (1790), *The citizen of the world, or, Letters from a Chinese philosopher residing in London to his friends in the East*. London, R. Whiston (2 vols.).
- Gollwitzer, Heinz (1964), *Europabild und Europagedanke: Beiträge zur deutschen Geistesgeschichte des 18. und 19. Jahrhunderts*. Zweite, neubearbeitete Auflage. München, C. H. Beck.
- Goudar, Ange (1765), *L'Espion Chinois, ou, L'envoyé secret de la cour de Pekin: pour examiner l'état présent de l'Europe*. A Cologne (6 vols.).
- Hale, John R. (1993), *The Civilization of Europe in the Renaissance*. London, HarperCollins.
- Harbsmeier, Michael (1995), "Towards a prehistory of ethnography: Early modern German travel writing as traditions of knowledge", in Han Vermeulen / Arturo Alvarez Roldan (eds.), *Fieldwork and Footnotes: Studies in the history of European anthropology*. London; New York, Routledge: 33-52.
- Hay, Denys (1957), *Europe: The Emergence of an Idea*. Edinburgh: University Press.
- Hayman, John G. (1971), "Notions on National Characters in the Eighteenth Century", *Huntington Library Quarterly*, 35 (1): 1-17.
- Heater, Derek Benjamin (1992), *The idea of European unity*. Leicester, Leicester University Press.
- Hume, David (1758), "Of national characters", in *Essays and treatises on several subjects*. New edition. London, A. Millar: 119-129.

- Joachim, Johann Friedrich (1747), *Einleitung zu den Geschichten der heutigen Reiche und Staaten von Europa*. Franckfurt, In der Rengerischen Buchhandlung.
- Keuning, Johannes (1959), “Blau’s Atlas”, *Imago Mundi*, 14: 74-89.
- Kivelson, Valerie A. (2015), “The Cartographic Emergence of Europe?”, in Hamish Scott (ed.), *The Oxford Handbook of Early Modern European History, 1350-1750* (Volume I: Peoples and Place). Oxford, Oxford University Press: 37-69.
- Knight, Charles A. (2004), “Satiric nationalism”, in *The Literature of Satire*. Cambridge, Cambridge University Press: 50-80.
- Launay, Robert (2018), *Savages, Romans, and Despots: Thinking about Others from Montaigne to Herder*. Chicago; London, The University of Chicago Press.
- Leerssen, Joep (2000), “The Rhetoric of National Character: A Programmatic Survey”, *Poetics Today* 21 (2): 267-292.
- Lesuire, Robert-Martin (1760), *Les Sauvages de l’Europe*. Berlin.
- Lesuire, Robert-Martin (1764), *The Savages of Europe*. James Pettit Andrews (trad.). Dublin, P. Wilson.
- Lesuire, Robert-Martin (1780), *Les amants françois à Londres, ou les délices de l’Angleterre*. Paris, Duchesne.
- Lu-Adler, Huaping (2022), “Kant’s use of travel reports in theorizing about race - A case study of how testimony features in natural philosophy”, *Studies in History and Philosophy of Science* 91: 10-19.
- Marana, Giovanni-Paolo (1686), *L’Espion du Grand-Seigneur et ses relations secrètes envoyées au divan de Constantinople, découvertes à Paris pendant le règne de Louys le Grand. Traduites de l’Arabe en Italien par le sieur Jean-Paul Marana et de l’Italien en François*. Paris, Claude Barbin (3 vols.).
- McLean, Matthew (2007), *The Cosmographia of Sebastian Münster: Describing the World in the Reformation*. Aldershot; Burlington, VT, Ashgate.
- Meurer, Peter (2008), “Europa Regina. 16th century maps of Europe in the form of a queen”, *Belgeo: Revue belge de géographie* 3-4: 355-370.
- Meurer, Peter H. (1993), “Der neue Kartensatz von 1588 in der Kosmographie Sebastian Münsters”, *Cartographica Helvetica: Fachzeitschrift für Kartengeschichte*, 7-8 (7): 11-20.
- Montesquieu, Charles de (1721), *Lettres persanes*. Cologne: Pierre Marteau (2 vols.).
- Morice, Juliette (2013), “Voyage et anthropologie dans l’Émile de Rousseau”, *Revue de métaphysique et de morale* 77 (1): 127-142.
- Münster, Sebastian (1588), *Cosmographie Oder beschreibung Aller Länder herrschafftenn und fürnemesten Stetten des gantzen Erdbodens*. Basel, durch Henrichum Petri.
- Neumann, Iver B. / Welsh, Jennifer M. (1991), “The Other in European self-definition: An addendum to the literature on international society”, *Review of International Studies* 17 (4): 327-348.

- Nocentelli, Carmen (2023), "Rereading Elizabeth I as Europa", *PMLA* 138 (2): 321-342.
- Ortelius, Abraham (1570), *Theatrum Orbis Terrarum*. Antverpiae, Apud Aegid. Coppenium Diesth.
- O'Shaughnessy, David (2019), "National Identity and Satire", in Paddy Bullard (ed.), *The Oxford Handbook of Eighteenth-Century Satire*. Oxford, Oxford University Press: 90-107.
- Pagden, Anthony (2000), *Facing Each Other: The World's Perception of Europe and Europe's Perception of the World*. Aldershot; Burlington, Ashgate (2 vols.)
- Phillips, Kim M. (2013), "Travel Writing and the Making of Europe", in *Before Orientalism Asian Peoples and Cultures in European Travel Writing, 1245-1510*. Philadelphia, PA, University of Pennsylvania Press: 50-70.
- Proß, Wolfgang (2020), "'Diversus cum diversis': John Barclays *Icon animorum* (1614) und Herders *Auch eine Philosophie der Geschichte*", in Eva Piirimäe et al. (eds.), *Herder on Empathy and Sympathy*. Leiden; Boston, Brill: 119-157.
- Pufendorf, Samuel von (1683), *Einleitung zu der Historie der Vornehmsten Reiche und Staaten in Europa*. Frankfurt am Mayn, Friedrich Knochen.
- Rasterhoff, Claartje (2017), *Painting and publishing as cultural industries: The fabric of creativity in the Dutch Republic, 1580-1800*. Amsterdam, Amsterdam University Press.
- Reichard, Heinrich August Ottokar (1784), *Handbuch für Reisende aus allen Ständen, nebst zwey Postkarten zur grossen Reise durch Europa von Frankreich nach England, und einer Karte von der Schweiz und den Gletschern von Faucigny*. Leipzig, Weygand.
- Richter, Melvin (1997), "Europe and The Other in Eighteenth-Century Thought", in Karl Graf Ballestrem et al. (eds), *Politisches Denken Jahrbuch 1997*. Stuttgart, J.B. Metzler: 25-47.
- Riley, Mark T. (2013), "Introduction", in John Barclay, *Icon animorum, or, The mirror of minds*. Mark T. Riley (ed.); Thomas May (trad.). Leuven, Leuven University Press: 1-48.
- Ripa, Cesare (1603), *Iconologia, overo, Descrittione di diuerse imagini cauate dall'antichità, & di propria inuentione*. Roma, Appresso Lepido Facij.
- Robertson, William (1769), *The history of the reign of the Emperor Charles V with a view of the progress of society in Europe from the subversion of the Roman Empire to the beginning of the sixteenth century*. London, W. Strahan.
- Rubiés, Joan-Pau (2000), "Travel Writing as a Genre: Facts, Fictions and the Invention of a Scientific Discourse in Early Modern Europe", *Journeys*, 1 (1): 5-35.
- Schmale, Wolfgang (2000), "Europa - die weibliche Form", *L' homme: Zeitschrift für feministische Geschichtswissenschaft* 11 (2): 211-233.
- Schmale, Wolfgang (2012), "Kartographische Personifizierungen von Europa", in Pim den Boer et al. (eds.), *Europäische Erinnerungsorte 2. Das Haus Europa*. München, Oldenbourg: 371-382.

- Sebastiani, Silvia (2014), “Nations, Nationalism and National Characters”, in Aaron Garrett (ed.), *The Routledge Companion to Eighteenth Century Philosophy*. London; New York, Routledge: 593-617.
- Sutton, Elizabeth (2009), “Mapping Meaning: Ethnography and Allegory in Netherlandish Cartography, 1570-1655”, *Itinerario* 33 (3): 12-42.
- Sutton, Elizabeth A. (2015), *Capitalism and Cartography in the Dutch Golden Age*. Chicago, The University of Chicago Press.
- Talbot, Ann (2010), *“The Great Ocean of Knowledge”: The Influence of Travel Literature on the Work of John Locke*. Leiden; Boston, Brill.
- Voltaire (1757), *Essai sur l’histoire générale et sur les mœurs et l’esprit des nations, depuis Charlemagne jusqu’à nos jours*. [Genève]: [Cramer].
- Walser, Isabella (2017), “Unitas multiplex: John Barclay’s notion of Europe in his *Icon animorum* (1614)”, *History of European Ideas* 43 (6): 533-546.
- Weißhaupt, Winfried (1979), *Europa sieht sich mit fremden Blick: Werke nach dem Schema der «Lettres persanes» in der europäischen, insbesondere der deutschen Literatur des 18. Jahrhunderts*. Frankfurt am Main; Bern, Lang (2 vols.).
- Werner, Elke Anna (2015), “Anthropomorphic Maps: On the Aesthetic Form and Political Function of Body Metaphors in the Early Modern Europe Discourse”, in Walter Melion et al. (eds.), *The Anthropomorphic Lens: Anthropomorphism, Microcosmism and Analogy in Early Modern Thought and Visual Arts*. Leiden; Boston, Brill: 251-272.
- Wintle, Michael (2019), “The Early Modern Iconography of Europe: Visual Images and European Identity”, in Nicolas Detering et al. (eds.), *Contesting Europe: Comparative Perspectives on Early Modern Discourses on Europe, 1400-1800*. Leiden; Boston, Brill: 54-76.
- Yapp, M. E. (1992), “Europe in the Turkish Mirror”, *Past & Present* 137 (1): 134-155.
- Young, David (1978), “Montesquieu’s View of Despotism and His Use of Travel Literature”, *The Review of Politics* 40 (3): 392-405.
- Zimmermann, Johann Georg (1768), *J. G. Zimmermann vom Nationalstolze*. Vierte, um die Hälfte vermehrte, und durchaus verbesserte Auflage. Zürich, Orell, Geßner, und Compagnie.
- Zwierlein, Salentin Friederich von (1767), *Betrachtungen über den Nationalcharakter und dessen Einfluß auf den Geschmack und die Sitten: Eine Vorlesung in der Königlich Deutschen Gesellschaft zu Göttingen*. Göttingen: Barmeier